

Índice

Picada	9
Uma caminhada, o que sabem os sapatos? — entre o Oriente e o Ocidente —	10
Turquia (entre o Ocidente e o Oriente)	14
Tempo	19
Poemas do Oriente. <i>Mistério</i>	20
Sobre a respiração	21
Poemas do Oriente. <i>Uma refeição</i>	23
Onde está?	24
Poemas do Oriente. <i>Habitar</i>	26
Sobre a presença e a ausência	27
Poemas do Oriente. <i>Acordar</i>	30
Sobre as nuvens e os mitos	31
Poemas do Oriente. <i>Dormir</i>	33
Gerações	34
Poemas do Oriente. <i>No santuário</i>	35
Um fio	36
Poemas do Oriente. <i>A amizade</i>	37
Justo, feliz	38
Poemas do Oriente. <i>Força</i>	39
A arte e as flores	40
Poemas do Oriente. <i>Plantações</i>	42

Sobre o jardim	43
Poemas do Oriente. <i>Comer, fazer a barba, reflectir</i>	44
<i>O bunker</i>	45
Olhar, pensar	47
Poemas do Oriente. <i>Som do sino num certo sábado à tarde</i>	48
Sobre a beleza, dois clássicos	49
Poemas do Oriente. <i>Susto</i>	51
Outra torre de babel	52
Poemas do Oriente. <i>O contador de histórias</i>	53
Crença, escadas e cansaço	
(subir — no Oriente, no Ocidente)	54
Poemas do Oriente. <i>Jogo, narrativa e guerra</i>	56
Portas, entrada	57
Poemas do Oriente. <i>Estratégia</i>	58
Sobre o Japão	59
Poemas do Oriente. <i>O outro lado</i>	60
Sobre o Japão	61
Poemas do Oriente. <i>Observação</i>	62
Sobre o Japão	63
Poemas do Oriente. <i>Aquilo que não ocupa espaço</i>	64
Sobre o Japão	65
Poemas do Oriente. <i>Recordando dias de Agosto</i>	
<i>em Quioto (1)</i>	67
Sobre o Japão	68
Poemas do Oriente. <i>Recordando dias de Agosto</i>	
<i>em Quioto (2)</i>	69
Sobre o Japão	70
Poemas do Oriente. <i>Recordando dias de Agosto</i>	
<i>em Quioto (3)</i>	71
Sobre o Japão	72
Diário	73
Tempo	74
Ventania	75
Sobre o Japão	76
Poemas do Oriente. <i>Acaso</i>	78

Diário. Paciência	79
Sobre o Japão	80
Barco	82
Amizade	83
Poemas do Oriente. <i>Discussão</i>	84
A cabeça	85
A Lua	86
A morte	87
Um conto breve	88
Poemas do Oriente. <i>Solidão</i>	89

Picada

Parece que foi Donald Richie, escritor americano que viveu grande parte da sua vida no Oriente, a afirmar que se fica contagiado por essa parte do mundo como se fosse uma picada de insecto. Não é contágio lento, é algo súbito. E depois fica.

Uma picada que nunca mais deixará de fazer um som. Um som sem som, um som mudo, mas que é um chamado: *não sais daqui*. Ou: *não te esqueças de mim*.

Como uma picada. Ou seja: de um momento para o outro.

Picada ou iluminação, dois termos que atiram para o instantâneo. De um momento para o outro, o escuro fica claro (iluminação), e de um momento para o outro a pequena dor que se sente, numa mínima parte da pele, muda por completo o nosso foco, o nosso caminho; no limite: a nossa biografia.

Pensar numa picada que ilumina, uma picada que ilumina antes da electricidade: uma luz natural.

Uma caminhada, o que sabem os sapatos? — entre o Oriente e o Ocidente —

De que forma se reconhece a Europa ou, de uma forma mais geral, o Ocidente? De cima, vemos o mapa e dizemos, com o dedo indicador: eis aqui! E até podemos, com um marcador vermelho, assinalar o que está dentro e o que está fora, como se a Europa pudesse ser simplesmente uma matéria que ocupa espaço — um volume, um material concreto. Mas a Europa talvez seja outro assunto e não apenas um elemento que tem comprimento, largura e altura. A Europa, digamos assim, apesar de tudo, não é um paralelepípedo.

Dizer portanto: «este espaço já não é a Europa e este sim», eis aquilo que é mais ou menos óbvio — mas uma evidência de desenho, de geometria. Não uma evidência humana; longe disso.

É que a Europa pode também estar no que é minúsculo. Por exemplo, quando um europeu avança pela rua, o que avança é também a Europa — ou não? A questão é quase lúdica, mas é interessante pensarmos nesse europeu que caminha como caminhavam os antigos, com pés e pernas — e não com meios técnicos auxiliares. Assim, à custa do esforço do seu próprio organismo, ele entende perfeitamente o que são as medidas, entende organicamente o que são mil metros, cem ou duzentos quilómetros. E, assim, esse cidadão consegue medir a Europa com passos humanos — e eis um projecto em que se pode pensar. Um europeu que queira medir a Europa com os seus passos — o seu corpo será a régua.

Pois bem, se esse europeu que caminha como caminhavam os antigos começa numa ponta da Europa e vai até ao seu limite, em primeiro lugar, que viagem longa! Em segundo lugar, uma observação: vai cansar-se; e, em terceiro lugar e mais importante: se pensarmos bem, veremos que será muito difícil para os seus sapatos perceberem o momento exacto em que a Europa deixa de ser Europa.

Na Turquia, por exemplo, sente-se isto, precisamente: a dificuldade de os sapatos e os batimentos cardíacos entenderem a diferença entre a Istambul Ocidental e a Istambul Oriental. É preciso o europeu ensinar os sapatos e dizer-lhes, como se realmente fosse um doido varrido: daquele lado vocês estavam na Europa, agora estão na Ásia. Entendem, sapatos?

Nenhum sapato o entenderá.

Porque, de facto, é preciso ter em conta o material do mundo e a forma como ele reage aos elementos. Por exemplo, há uma diferença essencial entre caminhar sobre solo firme e caminhar dentro de água. Caminhar dentro de água é caminhar dentro de outro elemento, com outra resistência e atrito, com outra forma de contactar com o corpo. Ou seja, em síntese: o corpo de um europeu que entrar no Bósforo molha-se. E aí, sim, ao entrar no mar, o corpo, os sapatos todos, esses elementos materiais e orgânicos não precisarão de ser ensinados, não necessitarão de explicações. É inútil explicar ao corpo que a água é um obstáculo distinto do ar calmo ou do vento forte. O que então se percebe na Turquia, em geral, e em Istambul, muito em particular, para falarmos num dos extremos

da Europa, é essa dificuldade de o corpo sentir que entrou noutro elemento.

(No entanto.

Nada do que é europeu me é estranho, eis o que deveria o cidadão europeu dizer. Mas na verdade, diga-se, não é bem assim. Na Turquia, para continuarmos aqui, balançamos entre o reconhecimento e a estranheza. Devemos sentir protecção no que reconhecemos e curiosidade pelo que é estranho, eis o que aprendemos, desde cedo, na escola. Pois sim, mas o corpo — os seus apetites, aproximações e afastamentos instintivos —, o organismo, dizia, por vezes, não é politicamente correcto. Por exemplo, pode não gostar de um alimento estranho. E a curiosidade acabará logo ali, na primeira garfada.)

De qualquer maneira, se existisse apenas água em redor da Europa, tudo seria mais simples: não precisaríamos de ensinar nada aos meninos na escola. Se em redor da Europa só existissem montanhas de grande altitude, então também não precisaríamos de explicações formais ou visuais. O corpo sentiria a diferença entre Europa e Não Europa através da alteração do esforço na respiração.

Mas a questão é esta: a natureza raramente fez mapas. E, note-se, apesar de todos os progressos técnicos, o corpo de um europeu continua a pertencer à natureza (pois então). Podemos não querer, mas é mesmo assim: o corpo de um europeu está mais próximo dos animais e das plantas do que das máquinas. Continua a ser um corpo natural. Daí que aceite as leis e os mapas que se-

param espaços e os compreenda de forma intelectual e sensata, mas apenas isso. Mais não.

Eis, portanto, voltando ao invisível e esquecendo as grandes superfícies, outra possível definição de Europa: a Europa é o sítio para onde avança um europeu.

De cima, vejam, ali está um ponto pequenino que, se tivermos paciência, veremos mudar de posição. É um homem que avança — a pé ou de bicicleta. E esse homem é a Europa. Ali vai ele, já fora dos limites traçados pelo marcador vermelho. Esse europeu que avança está já aparentemente noutro continente. No entanto ali vai ela, a Europa; ela mesma.

Gosto, particularmente, de um verso de Walt Whitman: «o meu corpo não está contido entre as minhas botas e o meu chapéu». Também a Europa não está contida entre as suas botas e o seu chapéu. E isso é bom.